

RICHARD SPRUCE E ALFRED RUSSEL WALLACE: NATURALISTAS DO SÉCULO XIX E O ENCONTRO COM O CAAPI¹

Wladimir Sena Araújo²

RESUMO: Este texto irá demonstrar a importância que o botânico inglês Richard Spruce e o entomologista e estudioso de zoologia Alfred Russel Wallace tiveram para os estudos contemporâneos sobre *ayahuasca*. Ambos são produtos do pensamento evolucionista da era vitoriana e seus estudos na Amazônia e Andes constitui marco inicial para produções científicas contemporâneas nas mais diversas áreas de conhecimento.

Palavras chave: naturalistas – *ayahuasca* – viajantes – evolucionismo - Amazônia

INTRODUÇÃO

O ardente desejo de visitar uma região tropical, para contemplar a exuberância de vida, tanto animal como vegetal, que dizem existir ali, e ver com meus próprios olhos, todas as maravilhas que tanto me deliciavam, quando eu lia as descrições feitas pelos viajantes que as contemplaram, foram os motivos que me induziram a romper a trama de meus negócios, os vínculos que me prendiam ao lar, e partir para “alguma terra bem distante, onde reina um sertão constante” (WALLACE, 1939).

Para José Honório Rodrigues (1959) tornou-se fundamental para a compreensão histórica visto que se torna imprescindível para sabermos qual a visão do estrangeiro sobre nós. Sendo assim, por meio de pesquisadores foram construídas imagens da América e dos povos que aqui viviam pela lente europeia.

No Século XIX um grande número de naturalistas partiu para regiões distantes com a finalidade de coletar diversos materiais botânicos e faunísticos para serem catalogados e analisados em países da Europa, impregnados com o grande avanço das ciências e da influência do evolucionismo darwinista na biologia e também nas ciências humanas.

Dentre os diversos naturalistas que realizaram pesquisas na Amazônia, Richard Spruce e Alfred Russel Wallace tiveram importância para o desenvolvimento de estudos posteriores sobre a *ayahuasca*, na ocasião utilizada por povos indígenas do Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Venezuela e Colômbia.

Segundo o biólogo Richard Evans Schultes (1986) até a metade do Século

1 Adaptado do texto de avaliação para a disciplina de História do Cotidiano e História Comparada, ministrada pelo professor Dr. Michael MacDonald Hall no doutorado de História Social e do Trabalho – Unicamp e apresentado em mesa redonda do evento Brasil 500 anos, organizado pela Biblioteca Central da Unicamp e que contou com a presença do Dr. Michael Hall e o Dr. John Montero (*in memoriam*).

2 Mestre em Antropologia Social e Professor Substituto da Universidade Federal do Acre – UFAC.

XIX apenas viajantes e missionários fizeram referências a substâncias psicoativas usadas por indígenas na Amazônia. Os relatos destes são precursores aos estudos científicos da ayahuasca e serviram de base para trabalhos mais aprofundados no início do Século XX, a exemplo de RIVET (1905; 1907); GRÜMBERG (1909; 1917) e KARSTEN (1920).

Foram diversas as interpretações sobre a substância, como a visão de Chantre, missionário jesuíta que atuou na Amazônia peruana no Século XVII, que considerava a bebida como demoníaca que utilizada em rituais induzia a estado alterado de consciência (SCHULTES, 1986:11).

Provavelmente o primeiro a estabelecer uma relação da ayahuasca com poderes medicinais foi outro padre jesuíta chamado Magnin (1740) que morou e trabalhou a serviço da igreja católica na região de Maines. Maroni, outro missionário relacionou a bebida com poderes adivinhatórios e curadores (JIMENES DE LA ESPADA, cit. In SCHULTES, 1986:11).

Spruce e Wallace constituem o marco divisor entre os relatos de viajantes e missionários e estudos científicos acerca do assunto. Desta forma, pesquisadores contemporâneos atribuem a eles as primeiras investigações científicas (botânicas e farmacológicas) acerca da *Banisteriopsis caapi* e o uso ritualístico envolvendo aspectos simbólicos e culturais de povos indígenas amazônicos.

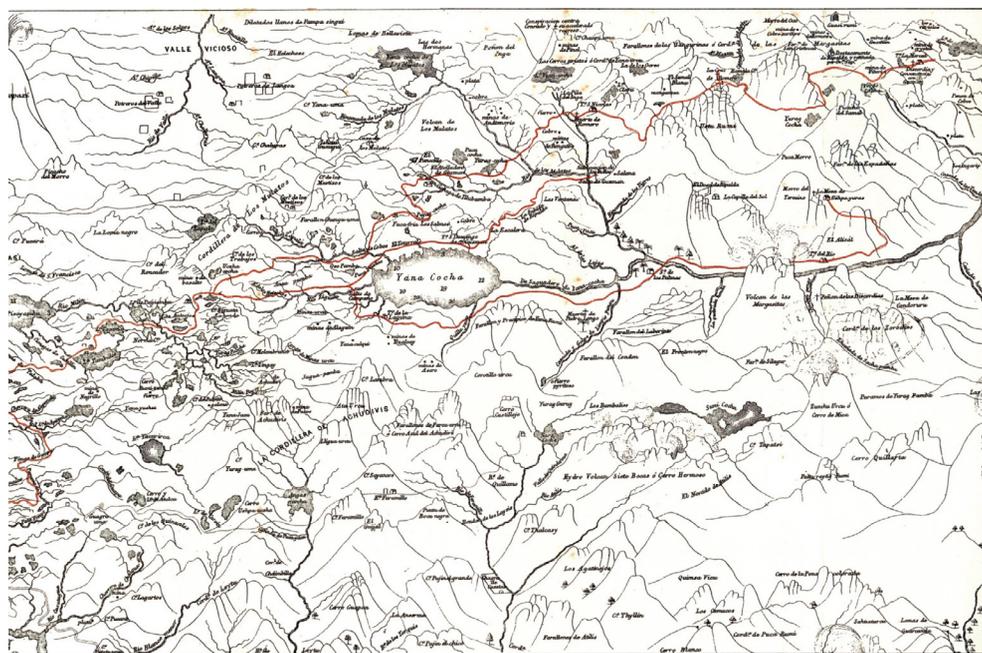
OS OLHARES DOS NATURALISTAS

O naturalista inglês Richard Spruce viajou pela Amazônia brasileira, peruana, venezuelana e equatoriana entre 1849 a 1864 com a finalidade de elaborar um inventário de espécies de plantas. Em suas pesquisas, identificou uma bebida usada em rituais pelos índios Mazan e Záparo, denominada ayahuasca (HOLLANDA, 1987:461).³

Spruce (1817 – 1893) nasceu na cidade de York, Inglaterra. Teve forte interesse por Matemática e Filologia. Entretanto, no York Collegiate School, acabou de interessando também por botânica e acompanhou descobertas científicas em regiões distantes da Europa no Século XIX.

O estudioso apresentou um artigo no Geographical Magazine acerca de narcóticos e estimulantes que foi recuperado por Alfred Russel Wallace sob o título: *Indigenous Narcotics and Stimulants used by Indians of the Amazon* e consta como

3 Análises de laboratórios identificaram que esta planta contém alcalóides beta carbolina, harmina, harmalina e tetrohydroharmina. Outras plantas de fortes poderes indutores de visão foram incorporadas ao uso da *Banisteriopsis caapi*, a exemplo da *Psychotria viridis*, com alto grau de triptamina (MONTEIRO DA SILVA, 1983).



MAP OF THE MOUNTAINS OF LLANGANATI, IN THE QUITOIAN ANDES.

by Don Atanasio Guzman.
 To illustrate a Paper by Richard Spruce Esq.
 (Journal of R. S. Sootell)

Do caule de plantas do gênero *Banisteriopsis* (*Banisteriopsis Inebrians*; *Banisteriopsis caapi*; *Banisteriopsis quitensis*: cf. MORTON: 1931), cujo os principais elementos ativos são os alcalóides banisteria, iageína, iagenina, prepara-se a ayahuasca. Esta, também é designada por *yagé*, *hayaca*, *huasca*, *cadána*, *natéma*, *iyona*, *nepe*, *pinde*, *boni*, dentre outras (anexo 1).

As principais áreas detectadas pelo pesquisador estendiam-se ao longo dos afluentes do alto Orinoco e do alto rio negro. Era usado por grupos indígenas dos rios Meta, Vichada, Guaviare, Sipapo e outros afluentes do médio e alto Orinoco. Foi constatado também entre os *Yaekuana* do alto Venturi. A maior parte dos grupos usuários, em número de quarenta, foram percebidos ao longo dos rios Uaupés, Tiquié, alto Caquetá, Apáporis, Putamayo, Napo, Paztasa, médio Uallaga, alto Ucayali, alto Juruá e entre os *Colorado* e *Cayapa* do Equador (COOPER, 1987:115).

Em 1852, Spruce testemunhou uma cerimônia indígena nas proximidades do rio Uaupés, na fronteira do Brasil com a Colômbia. O ritual assistido por ele era chamado de *dabacourí*⁵. Segundo a sua narrativa, faziam uso de uma bebida

5 Significando festa da dádiva, realizada no mês de dezembro em uma maloca por nome de Urubú Coara, na região do Uaupés.

escura, amarga e preparada com um cipó chamado *caapi*.⁶ A descrição da cerimônia assemelha-se aos dados colhidos por Wallace que também fez pesquisas na mesma região mencionada pelo botânico.

O ritual para a ingestão da substância começou à noite e foi tomada apenas por homens, os quais apresentavam comportamentos não convencionais em relação às demais pessoas que não fizeram o uso do chá, conforme relato abaixo.

The indians turns deadly pale, trembles in every limb, and horror is in his aspect. Suddenly contrary symptoms succeed: he bursts into a perspiration, and seems possessed with reckless fury, seizes whatever arms are at hand, his murucú, bow and arrow, or cutlass, and rushes to the doorway, where he inflicts violent blows on the ground or the doorposts, calling out all the while, “thus would I do to mine enemy (naming him by his name) where this he!” in about ten minutes the excitement has passed off, and the Indians grows calm, but appears exhausted (SPRUCE, 1908:419).

Foi nesta cerimônia sagrada que ele coletou amostras da espécie para enviar à Inglaterra e ficou surpreso ao perceber que a planta pertencia a ordem das *malpigiáceas* e ao gênero *banisteria*.

Em relato sobre a descoberta ele destacou o enlace de trepadeiras adultas de *caapi* ao redor de árvores e acabou reconhecendo esta planta como uma nova espécie científica, designando-a em seguida como *Banisteria caapi*. Porém, de acordo com os critérios botânicos do período, esta descoberta necessitou ser publicada em um tratado de botânica sobre *malpigiáceas*⁷, ocorrendo em 1858 por intermédio do alemão Grisebach.

Así, el nombre correcto de esta especie es *Banisteriopsis caapi*. A pesar de que Spruce redactó, com su acostumbrada exactitud en los detalles, em 1852 sus observaciones botánicas e antropológicas, éstas se publicaron hasta 1873, año em que aparecieron em un diario inglés; sin embargo, para propósitos practicos, realmente estuvieron a disposición del público general hasta 1908, con la publicación del libro de Wallace sobre las exploraciones realizadas por Spruce em Sudamérica, libro que apareció después de la muerte de Spruce (SCHULTES, 1986:12).

6 *Caapi* vem da língua tupi e significa “thin leaf” (folha fina) e o sentido pode ser aplicado para a *Banisteria caapi*.

7 O Brasil é a região que conta com o maior número de malpigiáceas.

Na época da pesquisa o *caapi* era usado por todas as nações indígenas do rio Uaupés, mas o estudioso também encontrou sociedades usuárias no alto rio Negro entre os *Barré*, *Baniwa*, *Maudauacas* e os *Tariana*, sendo que estes últimos provavelmente aprenderam a usar a substância através de grupos indígenas Tucano.

Detectou também o uso ritual entre os *Guajibo* no ano de 1854 na zona de Maipures, na fronteira da Colômbia com a Venezuela e percebeu diferença de uso desta sociedade para as demais que ele teve contato.

Quando eu estava nas cataratas do Orinoco, em junho de 1854, (...) no acampamento dos Guajibo, nas savanas de Maypures, percebi que estes índios não só bebem a infusão, mas também mastigam o caule seco, como alguns povos que fazem uso do tabaco. (...) Aprendi que todos os nativos dos rios Meta, Vichada, Guaviare, Sipape e pequenos rios, possuem *caapi*, e usam ele precisamente no mesmo caminho (SPRUCE, 1908:423).

Em maio de 1857, quando se encontrava no noroeste dos Andes peruanos, no rio Pastaza, que atravessa a floresta de Canelos, conheceu os índios Záparo e viu espécie de *caapi* na região. Pode constatar então que a liana não era restrita à região do Orinoco, Uaupés e alto rio Negro, mas presente nos Andes. Entretanto, este vegetal tinha um nome diferente daquele pesquisado na região do Uaupés. O cipó era chamado de *ayahuasca* e significava “vinho dos mortos” (Idem, 1908:424).

Para povos situados nos Andes, a bebida está intimamente relacionada a memória e representa a união do ser com a imagem dos mortos e com a ancestralidade. Ela tem a função de dinamizar a arte da memória e dá subsídios para o encontro com os antepassados. O passado é revivido através dos rituais, torna-se elemento vital para o eterno retorno, além de possibilitar o encontro entre mito e história, consumado por meio de plantas de poder que interliga o mundo visível ao invisível.

Spruce considerou relevante o trabalho do Dr. Villavicêncio que era natural de Quito (Equador) e que tinha sido governador do povoado cristão do rio Napo. Neste sentido, ao publicar a *Geografía de la República del Ecuador*, Villavicêncio escreveu um registro dos costumes nativos daquele rio que incluem o uso ritualístico da *ayahuasca*.

Debe señalarse a 1850 como la fecha em que los estudios so-

bre los narcóticos malpigiáceos tomaron sus primeros pasos definitivos. Manuel Villavicencio, un empleado del gobierno ecuatoriano que había desempeñado el cargo de gobernador en la provincia del río Napo, publicó un libro sobre la geografía del Ecuador. Ahí señaló que los Záparo, Anguteros, Mazanes y otras tribus del alto Napo usaban el *ayahuasca*: una droga productora de visiones, usada para hechicería, la brujería, la adivinación y para hacer profecías. Parece que no se recolectó ningún espécimen de la planta y que Villavicencio no hizo alusión alguna a determinado nombre botánico fue, nuevamente Spruce quien la identificó (SCHULTES, 1986:13).

A obra de Villavicencio é extremamente rica em detalhes pois explora a visão dos indígenas sobre os efeitos do psicoativo. Os mais comuns observados foram: vômitos, tremores, tonteiras, a seguir exaustão e sono profundo. Antes e durante o sono ocorrem visões maravilhosas ou apavorantes que são nitidamente recordadas após o despertar.

Richard Spruce foi um dos mais elogiados investigadores da flora amazônica. Porém, não pode publicar os seus relatos de viagem. Estes foram feitos após a sua morte através de Wallace, que teve em suas mãos os apontamentos deste pesquisador (BORBA DE MORAES, 1949).

Alfred Russel Wallace foi outro naturalista inglês e também fez viagens de pesquisas para a Amazônia, especialmente para as áreas dos rios Orinoco e Negro, as mesmas regiões de pesquisa de Spruce. Devemos ressaltar que suas incursões contribuíram bastante para o desenvolvimento de estudos posteriores sobre a *Banisteriopsis caapi*.

Wallace, conforme Basílio de Guimarães (1939), nasceu no dia 08 de janeiro de 1823 em Usk, uma localidade de Monmouthshire. Estudou na escola de Hertford, tendo uma grande apreciação pela agricultura e também por problemas sociais da classe trabalhadora inglesa.

Em 1840, no sul do País de Gales, passou a se interessar por história natural, fascinado cada vez mais com relatos de viajantes a lugares distantes, em que narravam fatos acerca do espaço e culturas distintas daquelas da Europa.

Frisamos que foi influenciado ao contato com outros povos quando em 1844 conheceu Henry Walter Bates (1852-1892), quando ministrava aulas em um colégio público em Leicester. Bates nasceu e residiu por muito tempo neste lugar e se tornou um respeitado entomologista. Conforme Basílio de Guimarães,

não tardou a tornar-se presa do ardente desejo de visitar as regiões tropicais, a fim de estudar-lhes a fauna e a flora, pelo que se propôs ele a Bates organizarem uma expedição ao Amazonas, na qual, (...) pudessem reunir fatos “com o fito de resolver o problema da origem das espécies” (BASÍLIO DE GUIMARÃES, 1944: XII).

Este empreendimento também foi confirmado por Bates no prefácio de sua obra *O Naturalista no Rio Amazonas*, onde expôs claramente os motivos que o levaram a explorar a região amazônica. De um lado, colecionar produtos naturais e de outro, a obsessão de Wallace em tentar resolver “o problema da origem da espécie” (BATES, 1944). A importância de sua pesquisa foi também evidenciada por FERRI (1979).

A grandeza da floresta virgem amazônica constituiu-se na principal atração de Wallace. (...) Esta floresta (...) encerra em seu interior uma fauna riquíssima de vermes, insetos, aves, peixes, répteis, mamíferos e numerosos outros grupos. E também aí, numerosas tribos que Wallace pode avistar (FERRI, 1979:10).

A preparação para a exploração de Wallace e Bates começou no outono de 1847 e não tardou para que os dois se debruçassem sobre as principais coleções de plantas e animais que encontravam-se no continente sul americano. Em seguida, em 27 de abril de 1848, saíram de Liverpool e alcançaram a foz do Amazonas um mês depois.

Esta viagem expedicionária dos naturalistas no Brasil teve o seu início em Belém passando, depois, pelo rio Tocantins. Como os interesses em pesquisas eram diferenciados, resolveram se separar para percorrer as regiões de interesse de cada um. Enquanto Bates buscou dados nas cercanias do Cametá, Wallace, por sua vez, percorreu o baixo Amazonas. Posteriormente, se encontraram na barra do rio Negro, permanecendo juntos entre fevereiro e março de 1850 (HOLLANDA, 1987).

Novamente separados, prosseguiram com as suas pesquisas de coleta e catalogação de espécies animais e vegetais. Bates, por exemplo, colecionou cerca de quinze mil espécies zoológicas sendo que pelo menos oito mil destas eram desconhecidas pelos naturalistas europeus.

Wallace, por sua vez, enviou para a Inglaterra algumas coleções de peixes e

insetos que haviam sido coletadas por ele por intermédio do navio que trouxera o seu irmão para lhe auxiliar nas pesquisas.

É preciso destacar da sua viagem exploratória esta foi a única remessa que conseguiu chegar a Londres, pois o restante das coleções foram perdidas devido ao naufrágio do navio Helen, que transportava o pesquisador de volta para Londres com todo o material coletado. Os sobreviventes foram resgatados dez dias após o acidente, a cerca de duzentas milhas das Bermudas (FERRI, 1979).

Wallace escapou de morrer e sofreu considerável prejuízo, durante a viagem de regresso para a Inglaterra. O navio que embarcara, a 12 de julho de 1852, pegou fogo em pleno mar, a 06 de agosto, perdendo-se os animais e as plantas, colecionadas na Amazônia, e ele (...) andou a mercê, (...) até ser tomado, a bordo de outro veleiro, que o conduziu ao porto de Deal, em 1º de outubro de 1852 (BASÍLIO DE GUIMARÃES, 1939:15).

É preciso destacar que a tentativa de tentar “solucionar o problema da origem das espécies” de Darwin o projetou a excursões a lugares distantes, especialmente a Amazônia pois acreditava que nestes lugares se encontravam todas as explicações para a evolução das espécies, tão em voga naquele período na Europa. Acreditando ser esse o caminho, publicou uma série de livros e artigos sobre as suas experiências.⁸

Desta forma, podemos perceber a forte ligação do trabalho de Wallace com a teoria evolucionista de Charles Darwin. Mas mesmo admirando a proposta teórica do estudioso acreditava que primordialmente o homem era obra de Deus.

Quem mais exaltou os trabalhos de Darwin foi Wallace, o que também contribuiu para por em destaques os seus próprios. (...) Tendo ambos descoberto, ao mesmo tempo, a lei do transformismo, houve entre os dois, um ponto de divergência. (...) Darwin não achou motivo algum para que a lei não se aplicasse ao homem. (...) Wallace (...) chegou a conclusão de que uma

8 Com destaque para *Travels on the Amazon and Rio Negro* (Londres, 1853); *Palm – Trees of the Amazon* (Londres, 1853); *On the Law that has Regulated the Introduction of New Species* (Annals and Magazine of Natural History, 1858); *on the Tendency of Varieties to Depart Indefinitely from the Original Types* (1858); *The Malay Archipelago* (1869); *Contributions to the Theory of Natural Selection* (1871); *On Miracles and Modern Spiritualism* (1875); *The Geographical Distribution of Animals* (1876 – 2 volumes); *Natural Selection and Tropical Nature* (1878); *Island Life* (1880); *Romanes versus Darwin: an episode in the history of evolution theory* (1886); *Darwinism: an exposition of the History of Natural Selection, with some of its applications* (1889); *Divergent Evolution through cumulative segregation* (1890); *The Problem of Utility: are scientific characters always generally useful?* (1896); *The Wonderful Century – its successes and its failures* (1889); *Tropical Nature, with othes essays* (1889); *Australasia* (1889).

força superior, agindo espontaneamente por meio de leis naturais e universais, guiou o desenvolvimento da espécie humana. (...) O homem era uma obra de Deus (BASÍLIO DE GUIMARÃES, 1939: XXX).

Alfred Russel Wallace ganhou imenso prestígio na sociedade científica inglesa após apresentar na *Linnean Society*, junto com Charles Darwin, um trabalho que versou sobre a origem das espécies no dia 1º de julho de 1858. Assim como Darwin, o autor buscava uma explicação mais coerente acerca de como as espécies apareceram na terra.

Ao contrair malária em fevereiro de 1858 fez uma reflexão sobre a obra de Malthus referente ao crescimento populacional onde lhe ocorreu a idéia de “sobrevivência dos mais aptos”. Em seguida, escreveu a Charles Darwin que mostrou-se surpreso com tamanha afinidade teórica, propondo a apresentação do trabalho do naturalista para a comunidade científica inglesa (FERRI, 1979).

Além de grande pesquisador, participou da vida política na Inglaterra no final do Século XIX, cooperando de modo prático e teórico nos problemas sociais que o seu país estava atravessando e tornou-se uma pessoa de grande reputação ao tratar das crises econômica, política e social da Grã - Bretanha.

Em 1885, por meio de um novo livro, *Bad Times*, atribuiu a crise comercial que assoberbava a Grã Bretanha aos grandes empréstimos feitos por ela a outras nações, às excessivas despesas provocadas pelas guerras anteriores, ao aumento da especulação (...) e ao despovoamento dos distritos rurais (BASÍLIO DE GUIMARÃES, 1939: XXIX).

Ao conseguir concretizar a viagem ao Amazonas junto a Bates, novos interesses surgiram. Neste sentido, em uma das passagens mais marcantes e pitorescas da viagem de Wallace foi relatada no capítulo X que tem como título: *Subindo pela primeira vez o rio Uaupés*. Nele, o pesquisador faz relatos do encontro com indígenas, demonstrando o estranhamento que sentiu ao parar em locais habitados pelos nativos, os quais, na sua concepção, eram “os mais legítimos representantes das florestas”.

O primeiro contato com índios na região foi estratégica, pois necessitava de dois homens para acompanhá-lo na viagem, que ainda não havia sido concluída. Em suas considerações criticou a atitude de brancos quando ameaçaram

nativos de morte por não se disporem a navegar com eles com propósitos comerciais.

É necessário frisar que tanto Wallace quanto Bates, embora em excursões diferenciadas pelos rios e localidades da Amazônia, criticaram severamente as relações entre brancos e índios na região. Segundo LEONARDI (1996), para Bates *o que os brasileiros faziam com os índios não era diferente daquilo que os ingleses, na mesma época, faziam com os nativos na África, Ásia e Oceania* (LEONARDI, 1996:68).

Uma parte somente dos habitantes da maloca ali chegou, naquela noite, porque, quando chega algum negociante de rio, os índios ficam receosos de serem compelidos a acompanhá-lo, e, por causa desse temor, escondem-se. Muitos indivíduos desclassificados, (...) do rio Negro, vem negociar por aqui, e obrigam os índios, sob ameaça de matá-los, a acompanhá-los na viagem (WALLACE, 1939:335).

Com sorte conseguiu que um índio o auxiliasse na viagem rio acima. Horas depois chegaram a uma aldeia praticamente vazia e, através de informações dos poucos indivíduos que lá estavam, foi informado que os demais componentes estavam em uma comunidade indígena próxima, participando de cerimônias que envolviam dança e *caxiri*, uma substância feita com mandioca e fermentada com saliva, comum entre vários povos indígenas amazônicos.

Alcançaram, logo após, uma aldeia designada de *Ananá – Rapicôma* (dardo de abacaxi), onde estava sendo realizado as celebrações que envolviam danças e consumo do *caxiri*. Conforme relato:

A festa principal havia acabado. Os chefes e os principais homens já haviam tirado os seus adereços de penas. Todavia, tendo ainda sobrado algum *caxiri*, permaneciam ainda ali, enquanto os rapazes e moças continuavam dançando. (...) Nesses festivais, somente se fornece a bebida, em imensa quantidade. Cada grupo, porém, tem a obrigação de trazer um pouco de bolo de mandioca ou peixe para o seu próprio consumo, durante o festival que dura enquanto há *caxiri* (Op. cit. 361).

Mas foi em uma aldeia na região de Juarité, um dos afluentes do rio Uaupés, na Colômbia, que ele narrou preparativos de uma cerimônia que envolveu o *caxiri* e o aparecimento surpreendente do *Caapi*, que falaremos adiante.

O *capí* ou *yagé* é uma liana das florestas do Amazonas. (...) É a

“planta que faz sonhar”. (...) É uma liana pertencente à família das malpigiáceas e geralmente admitida como sendo a *Banisteria caapi* de Spruce. Existem outras espécies fornecedoras de *yagé* ou *caapi*. É assim que Niendezu admite a espécie *Banisteria quitensis*. Ducke, recentemente no Amazonas, acaba de revelar mais uma espécie. (...) J. Geraldo Kulman, em 1924, colheu em Brasília (Acre), material de uma *Banisteria* usada naquela região como *yagé*, (...) mas que pelo fato de não apresentar nem flores nem frutos, não pode ser espécie, possivelmente nova, devidamente determinada. Já na dinastia dos incas se encontram provas do culto do *yagé*. Mama Ocilo era a deusa que oficiava nos ritos sagrados dos incas, nos quais o *yagé* representava papel importante, e cujo emprego só era permitido aos padres oficiantes e aos velhos. Eles conheciam os poderes de clarividência e telepatia das plantas (WALLACE, 1939:381).

Através da solicitação do auxiliar de viagem, que era também o principal informante do naturalista, os nativos prepararam uma festa envolvendo a bebida da mandioca. Na ocasião, Wallace pode perceber o empenho coletivo das pessoas, embora não tenha demonstrado o menor interesse pelo seu significado.

Conforme sua narrativa, os preparativos para a cerimônia começaram durante o dia e durante a noite foi iniciada a festa para o “estrangeiro ver”. Destacou inicialmente as danças que no seu entendimento não tinham variação de movimentos.

As danças estavam sendo realizadas no corpo principal da maloca. (...) Naquele momento dançavam quinze ou vinte homens de meia idade. Cada um tinha a mão esquerda apoiada no ombro direito do vizinho e, em conjunto, formavam um semicírculo. (...) A dança consistia (...) em uma série regular de passos para os lados, fazendo em um círculo, uma volta completa. Simultaneamente, batem os pés, fazendo como que um acompanhamento com os ornatos dos tornozelos. (...) As mulheres, em intervalos, associam-se a eles, indo cada uma ficar entre dois homens (Op. cit. 378).

A observação de Wallace esteve voltada para as danças e, sobretudo, ao imenso consumo de *caxiri*. Mas foi durante a festa que ocorreu a introdução do *Capí* (*Caapi*), fato inesperado ao pesquisador. Neste sentido, relata o uso da substância pelos indígenas.

Segundo ele, o *Capí* foi levado ao centro da maloca por um índio mais velho com características de um xamã. Geralmente, nas sociedades indígenas que fazem o uso desta substância, o uso relaciona-se a atividade xamanística, sendo o xamã a figura central que prepara, toma e distribui a bebida.⁹

Então, agachando-se, o velho permaneceu de cócoras em frente ao pote, e começou a remexer co conteúdo. Em seguida, encheu de líquido duas pequenas cuias, e erguendo-se, estendeu os braços, sustendo em cada mão uma cuia. Depois de pequena pausa, dois índios avançaram em direção dele, trazendo os seus arcos e flechas, e as suas lanças. Cada um, pegando a cuia, bebeu a dose que ela continha. Por ser (...) amarga aquela bebida, cada um fez uma cara muito feia (WALLACE, 1939:382).

A partir daí, o naturalista narra com ênfase o uso e os efeitos do *Capí* sobre os indígenas. Destacamos também que não foi possível detectar com firmeza qual a sociedade indígena que Wallace estava falando. Provavelmente algum grupo ligado aos Tucano, visto a descrição geográfica que faz e o cruzamento de dados com a pesquisa de Richard Spruce.

Alguns ficaram mais exaltados, empunhando as lanças, correram em seguida pela casa. (...) Como se quisessem matar um inimigo, bateram com os pés no chão, soltaram gritos e pularam selvagememente, numa atitude guerreira, e ao mesmo tempo, terrível. (...) Logo após o escurecer acendeu-se uma grande fogueira. (...) De quando em quando, ela reavivava, levantando-se (...) clarões que iluminavam os dançarinos, (...) e os numerosos

9 Na maioria das sociedades sul – americanas o xamã lida com a alma. A alma vai a algum lugar, voltando em um momento posterior. É afirmado também, por indígenas, alguns deles desaparecem de vista do restante do grupo durante a cerimônia. Este “vão xamânico” é ao mesmo tempo uma experiência pessoal e também coletiva porque reconfigura o trabalho social onde a experiência tem forte significado. A iniciação é fundamental, pois permitirá a ele viver dentro da estrutura social criadas para estas experiências que se dão através de técnicas do Êxtase (ELIADE, 1998). Os xamãs servem também para guiar almas para determinados planos cósmicos e são auxiliados por espíritos. Sua personalidade e aparência física dependerão bastante da proximidade com o ser sobrenatural que está envolvido. Este, por sua vez, revelará formas simbólicas, nomes sagrados e lugares desconhecidos. De um lado, os espíritos auxiliam os xamãs em seus trabalhos espirituais e por outro lado, mantém o equilíbrio cósmico. Possuindo uma visão extraordinária, o xamã traduz realidades de outros planos para o cotidiano coletivo. Transmite através de várias técnicas o sagrado, utilizando o corpo, narrativa oral, canções, sons ou todo o conjunto destas. A *ayahuasca* (*Caapi*) é utilizada para fins sacros e em certas sociedades é usada em beberagens coletivas. Porém, em muitos casos fica restrito a ritos xamanísticos para entrar no mundo dos espíritos, detectar enfermidades, inimigos, o futuro do indivíduo e do grupo, áreas nobres para o cultivo e a caça, dentre outros. Entre os *Záparo*, por exemplo, este enteógeno era tomado pelos homens antes dos combates, da caça, coleta de borracha e de outras expedições mata à dentro. Entre os *Jívaro*, ainda é consumido na festa dos cães, festa da vitória, festa do nátema (*ayahuasca*), dentre outras (COOPER, 1987:116).

e estranhos grupos, que se esparramavam pela sala, em todas as variedades de posturas (Op. cit. 382 – 383).

A forma como os homens são descritos por ele na maloca evidência, nas entrelinhas, o estado de êxtase dos participantes que por meio do enteógeno transitam em lugares míticos e tem reações físicas que incluem vômitos, defecções e dormências sobre várias partes do corpo.

A preocupação destes viajantes em descrever a *Banisteriopsis* nos leva também a algumas considerações sobre o processo de investigação destes naturalistas, a começar pelo teor descritivo dos registros de Spruce e Wallace onde apesar dos esforços mostravam – se bastante esparsos e subjetivos, uma vez que tiveram preferência em abordar a bebida de um ponto de vista nativo, sem caráter analítico, ressaltando entre vários aspectos o caráter telepático, divinatório, eufórico e de visões obtidos por meio da ingestão do enteógeno.

A segunda observação é a de que apesar da designação correta da planta, outras denominações de espécies semelhantes de algumas regiões da Amazônia passaram a preocupar os botânicos.

Portanto, o fato de ressaltar o nome peculiar usado por grupos indígenas, que mantinham a tradição de consumo do cipó psicoativo, causou um enorme problema terminológico até o início do Século XX.

Na verdade, os estudiosos não haviam percebido que por trás das nomenclaturas locais encontrava-se a mesma planta ou espécies diferentes que faziam parte do mesmo gênero.

A confusão sobre a identificação das plantas utilizadas nesta bebida complicou-se também porque houve demora para se recolher material botânico das mesmas. Assim, as primeiras provas materiais recolhidas e observadas em laboratório datam de 1931, tendo sido conseguidas pelo explorador Llewellyn Williams na Amazônia peruana (GOULART, 1996:02).

Prossegue a antropóloga:

antes disso, na década de 20, o explorador belga Claes estudou o yagé entre os índios Coreguaje e Witoto o sul da Colômbia. Seus trabalhos indicam que o yagé não era – como muitos investigadores afirmaram – apesar das observações pioneiras de Spruce – um pequeno arbusto, mas sim uma liana de mata virgem (Op. cit. 02).

Spruce afirmou que a liana era cultivada em roças próximas das aldeias. Esta observação exposta por ele não deve ser levada em consideração pois sabemos que o cipó é nativo da floresta e, com algumas exceções, (especialmente as religiões brasileiras como o Santo Daime, União do Vegetal e centros religiosos da linha de Mestre Daniel) fazem o plantio da *Banisteriopsis caapi* em plantios sistemáticos de cultivo.

A terceira observação é acerca da pesquisa dos naturalistas. Apesar de não proporem um método etnográfico - como o fez o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski ao passar dois anos entre os trobriands das ilhas da melanésia no início do Século XX, revolucionando a antropologia com o método do trabalho de campo e ainda mais contemporâneo GEERTZ (1979) com sua descrição densa – os naturalistas foram fundamentais para pesquisadores de diversas áreas de conhecimento, visto suas descrições permitiram elucidar questões de cunho analítico e também deixaram pistas para futuras investigações científicas.

Neste caminho, as informações esparsas deixadas por esses viajantes devem ser consideradas como referências para estudos aprofundados de culturas usuárias de ayahuasca envolvendo o que inclui uma compreensão do mundo por meio da análise de das práticas e representações de comunidades, religiões e grupos ayahuasqueiros, em convergência aos conceitos já empregados por Roger Chartier (1991).

Apesar das críticas, tanto Wallace quanto Spruce foram fundamentais para que tivéssemos uma compreensão maior sobre a *Banisteriopsis caapi* e a *Psychotria viridis* e o uso do chá em manifestações ritualísticas indígenas.

A bebida mencionada por eles e utilizada por indígenas de várias regiões da Amazônia e Andes ainda é um poderoso enteógeno usado em práticas rituais de comunidades indígenas, religiões brasileiras usuárias de ayahuasca e grupos neo – ayahuasqueiros do Brasil e do exterior (ARAÚJO, 1997; 1999; 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes naturalistas vieram para a Amazônia durante o período vitoriano. Isto compreende o período que tem o seu início com a coroação da Rainha Vitória em 1837 na Grã - Bretanha.

Este período é marcado pelo apogeu da industrialização neste País, urbanização europeia, consolidação do projeto de modernidade, imperialismo, colonialismo e pesquisas realizadas em diversos continentes por pesquisadores europeus.

Do ponto de vista científico, estava em voga a teoria evolucionista, que contagiou estudiosos das ciências naturais e sociais. Desta forma, a vinda de Spruce e Wallace para a região Amazônica está diretamente articulada à busca pelo fortalecimento da teoria de Darwin e seus seguidores.

Como já mencionamos, no decorrer deste texto, as pesquisas destes dois estudiosos tornam-se “divisores de águas” para pesquisas futuras que envolvem esta bebida enteogênica, especialmente os estudos botânicos, clínicos e farmacológicos do início do Século XX até os dias atuais e também os de outras áreas de conhecimento a partir da década de 80 e com grande efervescência a partir do final da década de 90 quando foram efetuadas uma infinidade de pesquisas demarcando campos de investigação até então inimagináveis nas diversas áreas de conhecimento. Mencionamos alguns deles: i) mito, ritual e simbolismo; ii) movimentos religiosos ayahuasqueiros; iii) sincretismo; iv) expansão religiosa e transculturalidade; v) estética; vi) música e musicalidade; vii) arquitetura religiosa; viii) trânsito religioso; ix) saúde, doença e cura; x) identidade; xi) memória; xii) patrimônio histórico e cultural; xiii) história biográfica de líderes religiosos; xiv) representações sobre morte; xv) êxtase religioso; xvi) pedagogia da ayahuasca; xvii) grupos neo – ayahuasqueiros e movimento de Nova Era. Dentre outros que continuarão a aparecer como desdobramentos de pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Wladimir Sena Araújo. *Navegando sobre as Águas do Mar Sagrado. História Cosmologia e Ritual no Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1997 (dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

_____. *Navegando nas Ondas do Mar Sagrado: história, cosmologia e ritual da Barquinha*. Campinas: Edunicamp, 1999.

BALDUS, Herbert. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo, 1954.

BATES, H. W. *O Naturalista no Rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1944.

BORBA DE MORAES, Rubens. *Bibliografia Brasileira. A bibliographical essay on rare books about Brazil published abroad before the Independence of Brazil in 1822*. Rio de Janeiro: Colibril Editora, 1958.

BORBA DE MORAES, Rubens e BERRIEN, Willian. *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In *Estudos Avançados*, 11(5), 1991.

COOPER, John M. Estimulantes e Narcóticos. In BECKER, Berta (org.). *Suma Etnológica Brasileira – vol I – Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

ELIADE, Mircea. O Xamanismo e as Técnicas arcaicas do Êxtase. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- GOULART, Sandra Lúcia. *As Raízes Culturais do Santo Daime*. São Paulo: USP, 1996 (dissertação de Mestrado em Antropologia Social).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico – tomo II – vol. 3*. São Paulo: USP/Bertrand Russel, 1987.
- HORCK, Rosemarie. Viajantes e Estrangeiros no Brasil: um ensaio bibliográfico. In *Revista de História*. São Paulo: USP, vol. 33 – pp. 533 – 534.
- LANGDON, Esther Jean e BAER, G. (orgs). *Portals of Power: South American Shamanism*. New Mexico: University of New Mexico Press, 1992.
- LEONARDI, Victor. *Entre Árvores e Esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: UnB/Paralelo, 1996.
- LUNA, Luís Eduardo. Terminologias Nativas sobre a Ayahuasca. In *América Indígena*, XLVI, 01, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MONTEIRO DA SILVA, Clodomir. *O Palácio de Juramidan. Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*. Recife: UFPE, 1983 (dissertação de mestrado em Antropologia Cultural).
- NAYLOR, Bernard. *Accounts of Nineteenth Century South America – na annotated checklist of works by British and United States observers*. London: University of London, 1969.
- PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.
- RODRIGUES, José Honório. Visitantes do Brasil no Século XVII. In *Revista de História*, vol. 37, 1959.
- SCHULTES, Richard Evans. El Desarrollo Histórico de la Idenficación de las Malpigiáceas empleadas como alucinógenos. In *América Indígena*, XLVI, 01, 9 – 48, 1986.
- SPRUCE, Richard. *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. Edited and condensed by Alfred Russel Wallace. London, 1908. 2 vols., 71 ilustrações, 7 mapas.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1939.
- _____. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- WELCH, L. e FIGUERAS, R. (Eds.). *Travel Accounts and Descriptions of Latin America and Caribbean (1880 – 1920): a selected bibliography*. Washington: Organization of American States, 1982.

ANEXO 1 – TERMINOLOGIAS NATIVAS PARA O ENTEÓGENO FEITO COM BANISTERIOPSIS CAAPI E PSYCHOTRIA VIRIDIS NA AMAZÔNIA

As denominações foram extraídas e adaptadas de Luís Eduardo Luna, que escreveu um excelente artigo sobre as terminologias nativas sobre a Ayahuasca para a Revista América Indígena. Devemos deixar a advertência que de forma alguma as designações listadas abaixo completam todo o quadro existente na região amazônica.

1. *xuma*, designada pelos Amahuaca (CALVO, 1981); 26. *Pindé*, entre os *Cayapa* da costa equatorial, índios *Emberá* e população negra das terras baixas do Pacífico colombiano

e equatoriano (LEWIN, 1928; KARSTEN, 1964; REICHEL – DOLMATOFF, 1980; NARANJO, 1983 e TAUSSIG, 1980); 27. *Pitujiracu*, em Iquitos (NARANJO, 1983); 28. *Purga*, no Peru (GATES, 1982); 29. *Ramaniju yaguas*, no Peru (CHAUMEIL, 1983); 30. *Daime* - religiões brasileira – Santo Daime e linha de Mestre Daniel (FRÓES, 1983; MONTEIRO DA SILVA, 1985; ARAÚJO, 1997; LUNA, 1985); 31. *Sburi, rambi, undi*, entre sociedades de língua Pano no Peru (RIVIER e LINDGREN, 1972; NARANJO, 1983); 32. *Rami*, entre os *Madija (Kulina)* que habitam o Acre e sul do Amazonas no Brasil e Peru (POLLOCK, 1992; ARAÚJO, 2010); 33. *Sipo, cibo*, nominado pelos *Yecwana* que também empregavam o termo *kahi*, embora *sipo* fosse o mais utilizado (FRIEDBERG, 1965); 34. *Timbó branco*, no rio Tapajós (LE COINTE, 1947); 35. *Vegetal*, terminologia utilizada pela UDV (ANDRADE, 1995; BRISSAC, 1998); 36. *Totsha*, entre os *Piro* do Peru; 37. *Timaco – mariri*, Brasil (GATES, 1982); 38. *Tucondi*, designado pelos *Maninbauas* (NARANJO, 1983); 39. *Uipá*, entre os *Gnajibo* (FREIDBERG, 1965); *Uni*, designado pelos *Conibo* (ARÉVALO, comunicação pessoal); 40. *Wampu, wampi*, nominado pelos *Matsigenka* e *Piro*. A palavra significa “um vento muito forte” (GOW, s/d); 41. *Yagé, yajé*, designado pelo povo *Tukano* (SPRUCE, 1858; REINBERG, 1921; VICKERS, 1981). Também é conhecida desta maneira pelos: *Kofán* (ROBINSON, 1976); *Siona* (LANGDON, 1979); *Ingano, Hianakota, Umana* (KOCH – GRÜMBERG, 1908); 42. *Yaja*, pelos *Guanano* (GARCÍA BARRIGA, 1975); 43. *Ayahuasca*, do dialeto *quéchua* que significa “vinho dos mortos”, “vinho das almas”, “vinho dos espíritos”. É utilizado também, de forma geral, por religiões ayahuasqueiras brasileiras após a Carta de Princípios assinada por líderes religiosos perante o Conselho Federal de Entorpecentes (MONTEIRO DA SILVA, 1985; MACRAE, 1992; DIAS JÚNIOR, 1992; GOULART, 1996; ARAÚJO, 1997; LABATE, 1998. Dentre outros).